

DA INFIDELIDADE À FIDELIDADE

Cleide Lazarin*

Resumo

Is 58, 1-12 condena, através da prática do jejum, os abusos que surgem no meio do povo, em seu retorno do exílio babilônico. Denuncia a corrupção do direito e da justiça, a perversão dos valores e práticas religiosas, a falsa piedade de quem se esconde em ritualismos vazios. Abomina o culto desligado da prática da justiça, da paz e da solidariedade. Mostra tentativas de reconstrução do povo, do templo e de Jerusalém na época da dominação persa, com projetos que não funcionaram porque partiram das elites sem a participação e o envolvimento do povo. A comunidade renovada pela misericórdia de Deus descobre o sentido de sua missão e faz de sua casa um espaço aberto de acolhimento aos que sofrem injustiças. Apresenta a tradição bíblica do jejum e os compromissos que este ato exigiu do povo e exige também hoje de quem o pratica.

Palavras-chave: *Jejum. Justiça. Solidariedade. Misericórdia. Pobre.*

Abstract

Isaiah 58.1 to 12 condemns the abuses that arise among the people through the practice of fasting, on their return from the Babylonian exile. It denounces the corruption of law and justice, the perversion of values and religious practices, the false piety on the empty ritualism. It Abhors the cult disconnected to the practice of justice, peace and solidarity. It shows some attempts to rebuild the people, the temple of Jerusalem at the time of Persian domination, with projects that did not work because it starts from the elites without the involvement and participation of the people. The community renewed by God's mercy discovers the meaning of his mission and make its home a welcoming open space to the people who suffers injustice. It presents the biblical tradition of fasting and the commitments demanded from this act and also requires from those who practice it nowadays.

Keywords: *Fasting. Justice. Solidarity. Mercy. Poor.*

* Mestranda em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Introdução

É preciso sonhar, vislumbrar um novo céu e uma nova terra, como ousaram os profetas e profetizas. A quem sonha e se põe a caminho, Deus promete sua bênção, proteção e presença: “Eis que estou contigo, te guardarei e não te abandonarei” (Gn 28,15).

Somos convidadas e convidados a olhar os espaços alternativos, trilhando passo a passo os novos caminhos, assumindo sem medo a construção do amanhecer de um novo tempo, contribuindo para criar e recriar a vida, a cada dia, em fidelidade ao sonho de Deus para com toda a sua criação.

O tema que será tratado, “Da infidelidade à fidelidade”, tem como base o texto de Is 58,1-12, que reflete sobre o verdadeiro jejum. O jejum que agrada a Deus é a prática da justiça e da misericórdia, da ternura e da compaixão, na construção de um momento novo, onde reine a paz. Paz que não é ausência de conflito, mas compromisso com a vida, onde ela se encontra ameaçada.

O Livro de Isaías

O Livro de Isaías é formado por um conjunto de 66 capítulos que podem ser agrupados em três grandes blocos ou três livros, respectivamente, da seguinte forma:

- a) Primeira seção, ou primeiro Livro de Isaías, ou Proto-Isaías: cap. 1 a 39 (escrito na época da Monarquia em Israel);
- b) Segunda seção, ou segundo Livro de Isaías, ou Dêutero-Isaías ou ainda Isaías Júnior: cap. 40 a 55 (escrito durante o exílio babilônico);
- c) Terceira seção, ou terceiro Livro de Isaías, ou Trito-Isaías: cap. 56 a 66 (escrito após o exílio babilônico – sob o domínio persa).

A terceira seção, onde a nossa perícopa está inserida (Is 58,1-12), é provavelmente datada entre os anos 520 a 400 aC, no período da dominação persa em Judá, com a possibilidade de alguns acréscimos posteriores. As condições históricas indicam que esta parte da profecia se refere a uma época posterior às que fazem referência às duas grandes primeiras seções.

A temática central do Terceiro Isaías é uma proclamação que consola e reconforta a vida das pessoas empobrecidas, sustenta a fé e a esperança de construir uma sociedade justa e solidária (Is 60–62). As mensagens do Trito-Isaías são inspiradas no Segundo Isaías, retomando as profecias do exílio e atualizando-as para o contexto do período pós-exílico. Esta seção é composta por uma coleção de oráculos anônimos que procuram estimular a comunidade que veio do exílio e se reuniu em Jerusalém com os que estavam dispersos. Condena os abusos que começam de novo

a surgir e mostra qual é o verdadeiro jejum (Is 58,1-12) necessário para que haja novos céus e nova terra (Is 56,17).

Isaías diz que o que impede o povo de alcançar a salvação são seus graves pecados e os seus maus governantes (Is 56,9-12): por causa da corrupção do direito e da justiça (Is 59,14-15), da perversão dos valores e das práticas da religião (Is 57,4-5.9; 58,1-12; 59,12-13; 65,3-5; 66,3) e dos comportamentos imorais (Is 59,3.6-7).

Situação da elite e dos pobres

A elite judaica se torna forte aliada dos persas na opressão e exploração do povo. O Templo e a lei passam a ser instrumentos de coleta dos tributos e impostos. A maioria da população, sobretudo a camponesa, experimenta a fome, a miséria, o desemprego, a expropriação, a falta de moradia, a morte prematura e a escravidão. As mulheres, principalmente, eram massacradas pela opressão da elite religiosa judaica e pelo império persa¹. Contudo, encontram em Javé a mãe carinhosa que toma sua filhinha, seu filhinho nos braços. E, renovados/as pela misericórdia de Deus, descobrem o sentido de sua missão.

A elite governante de Judá exhibe seus sacrifícios e suas ofertas no Templo como se esta fosse a justiça que agrada a Javé. Pratica a oração, dá esmolas e faz jejum com a aparente intenção de se tornar pura e justa diante de Javé e conquistar a salvação. Mas a comunidade profética é clara em sua denúncia contra a falsa piedade daqueles e daquelas que se escondem atrás de ritualismos vazios (Is 58,3-2a). A fidelidade ao Deus da vida não se mede pelas aparências nem pela frequência às cerimônias religiosas. E sim, se revela por meio de uma prática de justiça e solidariedade (Is 58,6-7).

A comunidade de Judá, em sua miséria e solidão, faz de sua casa um espaço aberto de acolhimento a todas as pessoas que sofrem injustiças. Essa comunidade é a voz dos oprimidos que se faz ouvir na denúncia das injustiças e proclamação da boa notícia a todas as pessoas excluídas da sociedade e do Templo².

Organização do III Livro de Isaías

O Livro do III Isaías está organizado em forma de quiasmo. Esta é uma maneira de escrever o texto onde a mensagem principal está no centro e antes e depois há afirmações paralelas. Está estruturado da seguinte forma³:

1. NAKANOSE, S. et al. *Como ler o Terceiro Isaías* (56–66). São Paulo: Paulus, 2004, p. 9.

2. NAKANOSE et al., *Como ler o Terceiro Isaías* (56–66), p. 19.

3. GASS, I.B. *Época da dominação persa*. São Leopoldo: CEBI, 2002. Módulo 7, Fascículo 1, p. 36; NAKANOSE et al., *Como ler o Terceiro Isaías* (56–66), p. 17; CROATTO, J.S. *Isaías: a palavra profética e sua releitura hermenêutica*. Petrópolis: Vozes, 2002, v. 3, p. 90.

- a) **56,1-8**: Javé é o Deus de todos os povos e critica as estruturas de opressão e exploração;
 - b) **56,9–57,13**: denúncia dos sacerdotes perversos;
 - c) **57,14-21**: anúncio de um futuro promissor com Javé;
 - d) **58,1-14**: denúncia do culto corrupto e vazio de espiritualidade;
 - e) **59,1-15a**: lamento e confissão da maldade;
 - f) **59,15b**: manifestação de Javé que julga e salva o seu povo;
 - g) **60**: a nova Jerusalém e a glória de Javé;
- X) **61**: a boa-notícia do ungido de Javé e a realização da justiça.
- g') **62**: a nova Jerusalém e a glória de Javé;
 - f') **63,1-6**: manifestação de Javé que julga e salva seu povo;
 - e') **63,7–64,11**: lamento e confissão da maldade;
 - d') **65,1-16**: denúncia do culto corrupto e vazio de espiritualidade;
 - c') **65,17-25**: anúncio de um futuro promissor com Javé;
 - b') **66,1-6**: denúncia dos sacerdotes perversos;
 - a') **66,7-24**: Javé é o Deus de todos os povos e critica as estruturas de opressão e exploração.

Tentativas de reconstrução do povo, do Templo e de Jerusalém

A dura realidade do povo e a dominação dos impérios babilônico e persa, e a tentativa de reconstruir o povo, Jerusalém e o Templo, fez surgir diversos projetos. Porém, depara-se também com a realidade interna da comunidade – às vezes parece que o povo, ao retornar, tinha os mesmos pensamentos e objetivos. Contudo, alguns textos bíblicos mostram que no meio da comunidade dos exilados havia muitos conflitos (cf. Jr 24; 27; 29). Os profetas que aturam durante o exílio tinham propostas diferentes (cf. Ez 40–48; Is 48–52).

A existência dos conflitos deve-se ao fato de que somente uma parte do povo saiu da terra. Apenas uma parte dos que saíram foi exilada. Somente uma parte dos exilados foi para a Babilônia. Somente uma parte dos que saíram voltou. Apenas uma parte dos que voltaram veio da Babilônia. A maior parte nunca saiu, nem voltou, apenas permaneceu, mas todos mudaram⁴.

Os projetos de reconstrução em sua maioria foram elaborados pela elite sacerdotal ou por governantes. As elites se esforçaram pagando qualquer preço para evitar uma nova destruição do Templo e do país (cf. Jo 11,49-59). Os projetos elaborados pela elite sempre acentuaram a observância. Tentaram manter a aliança dentro de uma margem que não provocasse demais os dominadores. As elites pensaram a partir

4. CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL, *A Leitura profética da história*. São Paulo: Loyola, 1992, p. 149.

de seus interesses e de sua própria sobrevivência. Não houve preocupação com os simples, pobres e humildes (cf. Mt 23,1-4). Queriam apenas que eles continuassem trabalhando (Is 58,12)⁵.

Quando tudo parecia perdido, ressurgiu uma luz. Um grupo, talvez de levitas e pessoas pobres, iniciou a reconstrução do sonho: “Observem o direito e pratiquem a justiça, porque a minha salvação está para chegar e a minha justiça vai se manifestar” (Is 56,1).

Os levitas eram fiéis à Palavra de Deus e ao compromisso com as pessoas destituídas de dignidade. Eles estavam espalhados entre o povo na cidade e no interior. Viam e experimentavam a vida sofrida das pessoas, consequência da corrupção e da violência praticadas pelas autoridades dirigentes. Por isso, denunciavam as inúmeras situações de exclusão; condenam a opressão e a exploração das elites dirigentes aliadas ao império persa e abominam o culto desligado da prática da justiça.

A profecia do Trito-Isaías também é de resistência e de esperança. O projeto do Templo, coligado com o império persa, não era aceito por toda a população. A voz dos grupos de empobrecidos continua ecoando através de Is 56 a 66.

A vida que Deus quer

Em situação de pós-exílio, a prática do jejum se tornou oficial. Havia um calendário nacional, quatro datas especiais para o jejum. Esses dias eram muito importantes e reuniam os judeus em Jerusalém. Essa movimentação no Templo dava a impressão de uma vivência religiosa muito ativa, mas na realidade era um ritualismo vazio. A prática do jejum encobria uma situação de injustiça social, pois a opressão das elites, do império persa e dos povos vizinhos gerou um grande número de empobrecidos e escravizados. Muitas dessas pessoas que continuavam se reunindo para prestar culto a Deus eram as responsáveis pela miséria do povo. Nesse contexto nasce o grito profético mostrando que o jejum que agrada a Deus é a prática da justiça e da misericórdia⁶.

O capítulo 58 de Isaías é uma unidade literária independente ao tratar da questão do jejum (v. 3-12), mas do ponto de vista redacional está intimamente ligado com os oráculos anteriores e posteriores. Nas palavras de abertura que são uma exortação (v. 1), Javé utiliza o profeta como porta-voz de um grave julgamento relacionado a rebeldias e pecados. Pela primeira vez aparece um encargo profético no Trito-Isaías. Até o momento, Javé ou o profeta haviam falado. A forma de expressão utilizada no v. 1 parece inspirada em 40,9 (veja 54,2, onde também aparece a expressão “não te detenhas”), porém, invertendo a direção da mensagem, que desta vez é de juízo.

5. CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL, *A Leitura profética da história*, p. 195.

6. CENTRO BÍBLICO VERBO. *Sonhar de novo, segundo e terceiro Isaías* (40–46). São Paulo: Paulus, 2004, p. 125; GASS, *Época da dominação persa*, p. 35.

Os termos rebeldia e pecado (v. 1b) são expressões muito fortes em hebraico. O texto supõe que o pecado consiste em não fazer o que é do agrado de Javé. Mas há também acusação de iniquidade (v. 3b-4).

A crítica dos v. 3b-4 trata da dessacralização do dia do jejum, convertido em negócio e exibição. E no v. 5 Javé parece magoado pelo excesso ascético do ritual. As duas críticas se unificam, enquanto as duas práticas aludem a algo essencial na visão do profeta e será descrito a partir do v. 6 com a pergunta: “Por acaso não é esse o jejum que eu quero?”⁷

O estilo do v. 5 é impessoal e conclui referindo-se a um “tu”, que estará presente até o fim do capítulo. Do v. 8 em diante o tema será mencionado na terceira pessoa (no v. 14 novamente Javé fala na primeira pessoa do singular).

Na totalidade dos v. 6-12, a metáfora da “reparação” de 8a serve de conexão literária com o motivo da reconstrução, desenvolvido no v. 12. [...] O texto afirma que outros reconstruirão “a partir de ti [...]” o que dá a entender que este “tu” é uma personificação de Israel, que deve colocar sua mão de obra ou os materiais para levantar ruínas seculares e alicerces que há muito estão ali. Pela comprovação ocular de Neemias (cf. 1,3; 2,13-17), o estado da cidade era deplorável. Mas Neemias nada fez pelas outras cidades de Judá. O texto em questão pode estar reclamando esta ausência. Se a restauração do país é um bem, o oráculo expressa que sua factibilidade é uma bênção que resulta da práxis social de solidariedade para com os desvalidos. Os verbos que se encontram nos extremos dão ênfase à promessa de reconstrução. O verbo que está em segundo lugar na frase e na segunda pessoa dá a entender a participação pessoal nessa tarefa.

Procurar a Javé é praticar o direito e a justiça

Essa procura pode ser mascarada por atos que parecem mostrar disponibilidade em realizar o projeto de Javé. E a sinceridade da busca se revela através da solidariedade com os oprimidos e da participação efetiva no processo de libertação. Por isso, toda a ‘fala’ feita por Javé, para chamar a atenção do povo a respeito do jejum que Ele quer, constitui uma unidade bem-estruturada⁸:

A a A mim dia e noite me buscam,
b e o conhecimento de meus caminhos desejam.
x Como povo que pratica a justiça
x' e que o direito de seu Deus não abandona,
A' a' me perguntam a mim pelos juízos justos;
b' a proximidade de Deus desejam.

7. CROATTO, *Isaiás*, p. 93.

8. CROATTO, *Isaiás*, p. 93.

Este texto está organizado em quiasmo circular:

- a' Eis que no dia de vosso jejum encontrais satisfação,
- b e explorais os vossos trabalhadores (v. 3b);
- b' eis que para o pleito e peleja jejuais, e para entregar-vos a contendas e rixas e ferirdes com punho perverso.
- a' Não jejueis como hoje, para fazer ouvir no alto a vossa voz! (v. 4)

Época da profecia

A profecia de Is 58,1-12 distingue-se da anterior porque se refere ao jejum e não aos sacrifícios. Isto sugere a época do exílio, quando o povo não tinha como oferecer sacrifícios, mas podia jejuar⁹. Surgiu em Judá, entre os anos 520 a 450 aC. No processo de reconstrução de Jerusalém, o grupo profético denuncia a corrupção e a exploração das elites judaicas e do império persa.

O v. 12 pode ser uma promessa adicional, talvez inspirada em Is 61,4 – o melhor contexto é Is 61,10 anteriores ao ano 445, supondo que Neemias não tenha ainda reconstruído os muros de Jerusalém. O texto não menciona esta cidade, mas o contexto de todo o livro talvez sim (cf. Is 44,28b). Pode também tratar de todas as cidades de Judá (cf. também 44,26b). Mas se trata de um texto que situa o Trito-Isaías, antes da reconstrução das muralhas de Jerusalém, por Neemias.

Tradição do povo em relação ao jejum

A tradição bíblica diz que a prática do jejum se dá por diversos motivos: para enfrentar uma situação difícil (Jz 20,26; Est 4,16; 1Sm 7,6), pedir perdão (1Rs 21,27), pedir saúde (2Sm 12,16-23; Sl 35,13), pedir proteção a Javé contra os perigos que ameaçam a família e a nação (Jz 20,26; 1Sm 7,6), compreender a palavra de Deus (Dn 10,3-12), chorar a morte de alguém (1Sm 12; 31,13), predispor-se à graça necessária para a realização de uma missão particular (At 13,2-3; 14,23), preparar-se para o encontro com Deus (Ex 34,28; Dt 9,9)¹⁰.

Os versículos iniciais da profecia de Is 58,1-12 trazem a representação de um costume não muito espiritual de jejuar e a vã confiança que Israel depositava nele (v. 1-5). Nestes versículos é evidente o caráter tradicional, e por isso também a independência dos v. 6-11, prolongados com os v. 13 e 14¹¹. No exílio a prática do jejum se tornou uma das principais formas de o povo expressar a fidelidade a Javé e manter sua identidade em terra estrangeira¹².

9. RIDDERBOS, J. *Isaías: introdução e comentário*. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições de Vida, 1990, p. 471; GASS, *Época da dominação persa*, p. 32.

10. CONTI, M. *Leitura bíblica da regra franciscana*. Petrópolis: Vozes, 1983, p. 182; NAKANOSE et al., *Como ler o Terceiro Isaías* (56–66), p. 28.

11. CROATTO, *Isaías*, p. 84.

12. CENTRO BÍBLICO VERBO. *Sonhar de novo, segundo e terceiro Isaías* (40–46), p. 29.

No período pós-exílio, com a consolidação da sociedade teocrática, na qual a lei de Javé e a lei do rei aumentaram o rigorismo em relação ao cumprimento das normas e preceitos religiosos, por exemplo, a observância do jejum. Esse culto se tornou uma prática obrigatória em Judá, quatro vezes por ano, como uma festa que reunia todo o povo (Zc 8,19). Seu objetivo era a purificação e salvação individual. O jejum se transformou em um ritualismo vazio (Is 58,3b-5)¹³.

Atitudes de parte do povo

Uma parcela do povo busca Javé todos os dias; mostra interesse em conhecer os seus caminhos, como se praticasse a justiça e nunca tivesse abandonado o direito estabelecido pelo seu Deus; pede leis justas e mostra interesse em estar perto de Javé (v. 2).

O povo conversa com Javé: pergunta a Ele por que não é visto, não é percebido em seus jejuns, por que Javé não toma conhecimento de suas mortificações? Aproveita o dia do jejum para resolver seus próprios negócios e explora seus trabalhadores (v. 3). Entrega-se a contendas e rixas, fere o próximo com o próprio punho (v. 4). Inclina a cabeça como o junco e faz sua cama sobre o pano e saco de cinza (v. 5). Subjuga e oprime a outrem, não reparte o pão com o faminto. Não recolhe em casa o desabrigado, não veste o nu e ainda se esconde do irmão e da irmã (v. 7). Tem gesto ameaçador e linguagem iníqua. São secos até os ossos (v. 9b.11b).

A relação entre culto e justiça social é uma temática constante na literatura profética (Is 1,10-20; Is 58,1-12; Jr 7), nos salmos (Sl 50) e na literatura sapiencial (Pr 15,8; 21,3.27; Eclo 34,18-35,8). Se o ser humano pratica uma forma de culto que ele mesmo inventou para garantir a si o favor de Javé, sem mudar de conduta, essa prática é uma farsa, é tentativa de suborno que Javé não aceita. A injustiça vicia o culto.

Pode-se dizer que as atitudes do povo, ou melhor, de parte do povo, são de falsidade, utilização da força alheia, fundamentalismo religioso, gesto de ameaça, violência e linguagem injuriosa contra o irmão e a irmã. Havia diferença, hipocrisia e ganância por parte de alguns. Fazia o jejum de alimento, mas desrespeitava o próximo. Havia disputas entre si e humilhação do pobre. Fazia-se de conta que ia ao Templo rezar e jejuar, mas ia principalmente para fazer negócios. Havia exploradores entre eles.

O que agrada a Javé?

Isaías 58,1-12 estabelece o contraste entre a verdadeira religião e o espírito de formalismo religioso conhecido em vários períodos da história de Israel. Mostra uma situação de ruptura entre conhecimento e prática. E esta não é a primeira e nem a única vez que a Bíblia trata do assunto. Sobretudo, quando as práticas religiosas se

13. NAKANOSE et al., *Como ler o Terceiro Isaías* (56-66), p. 50.

ção como um rito meramente externo sem nenhum sentimento interior, sem nenhum gesto de solidariedade e justiça.

O jejum raramente é citado no Novo Testamento. A tradição sinótica a tematiza em Mt 7,21-27 e Paulo também a expressa em Rm 2,13. Na epístola de Tiago (1,22-25), também lhe é dada particular atenção e quando fala sobre “as obras a partir da fé”, em 2,14-26. O jejum perdeu o sentido por estar desprovido de seu elemento de equilíbrio que é a justiça que impede que haja pobres, e a solidariedade com eles, quando o sistema já os criou.

A profecia faz uma crítica à prática do jejum onde se confunde o seu sentido ao acompanhá-lo de ações contra o próximo (Is 58,1-12; Jr 14,12; Zc 7,5-14), porque a práxis ritual consiste em não coadunar-se com a prática da justiça. Pelo contrário, o jejum vem acompanhado da opressão do próximo. É o máximo da maldade, oprimir os já oprimidos. A toda essa situação se acrescentam as intrigas e os conflitos comunitários exatamente na ocasião dos ritos assinalados (v. 4a)¹⁴.

O dia especial de jejum servia para expressar a dor pela ruína de Jerusalém e da nação, com suas instituições, como também para expiar a culpa assumida comunitariamente. E ainda, o jejum costumava vir acompanhado de “palavras” que interpelavam uma situação, como os poemas das Lamentações ou alguns Salmos. Este texto não nos diz qual é a situação na vida destes importantes ritos de jejum. Mas, pode-se lembrar das referências de Zc 7–8 que o jejum pela destruição de Jerusalém havia se institucionalizado como uma prática religiosa fundamental. Por isso, pode-se dizer que o povo caiu na rotina ou no desvio de sentido¹⁵.

Considerando que esse jejum era uma forma de expiar coletivamente a culpa, de refletir sobre o pecado que provocou o castigo, sobre a falta de justiça e de amor que atraiu a ira de Javé, deveria se aprofundar na mudança e na conversão. O jejum deveria ser um dia ou um momento de harmonização com Javé na linha da Aliança, ou seja, de uma comunidade de justiça e solidariedade.

O jejum apresentado no texto não é aceitável por Javé (v. 5). O erro básico está em pensar um jejum puramente externo. Pensar que a essência do jejum está na autoflagelação, nos sinais externos de lamentação, curvando a cabeça “como o junco”, como o profeta descreve satiricamente – vestindo-se de saco (3,24) e, assim vestidos, deitam-se sobre cinzas (Jl 1,13). O profeta não tem a intenção de condenar os sinais de lamentação, mas esses são sem valor, quando não há disposição do coração (v. 3).

Conforme os v. 8-9a, se a justiça e a misericórdia forem praticadas, Javé dará a sua bênção e a “luz” de Israel “romperá...”. Isto é, Israel receberá a plenitude de salvação e bênção, e também a sua “cura” e, acontecerá a remoção da tristeza nacional (cf. 1,5-6). A referência a isso é a restauração da vida nacional (58,12). A “justiça” é mencionada como vanguarda. Israel será vingado diante dos olhos de todos, porque

14. CROATTO, *Isaias*, p. 84.

15. CROATTO, *Isaias*, p. 94.

Javé o fará prosperar. E a retaguarda será a “glória de Javé”, isto é, a sua presença de graça (4,5; 60,1)¹⁶. E Israel não precisará mais se queixar como no v. 3, e Javé lhe responderá quando for chamado (Is 30,19; 65,24). A sua luz romperá nas trevas (v. 11) e Javé conduzirá Israel para sempre (Is 57,18). Mesmo quando o povo passar por uma terra maltratada pelo sol, Ele satisfará as suas necessidades e renovará suas forças (Is 40,31). O povo não precisa temer que sua vida murche ou se perca. Ele será como um jardim bem irrigado e como uma fonte cujas águas nunca secam¹⁷.

As perspectivas de mudanças e de renovação tornam-se mais específicas no v. 12: “Os teus filhos edificarão as antigas ruínas”. Israel tornar-se-á conhecido como povo que repara muros quebrados e restaura as ruas para tornar a terra habitável – portanto, um povo que se levanta do declínio e retorna à sua antiga glória¹⁸. Este versículo prolonga as bênçãos com um tema não esperado, a restauração da cidade, o qual deverá ser entendido como uma releitura bem-estruturada na sequência posterior¹⁹: prática do descanso (v. 13) e bênçãos (v. 14).

Este prognóstico conclui-se mencionando dois “nomes novos” para o reconstrutor (v. 12b). “O gosto pelas renomeações é um traço do Trito-Isaiás, como o era no Dêutero-Isaiás o fato de dar títulos a Javé, a Jacó/Israel, ou à própria Jerusalém. Dar novos nomes é uma maneira de expressar o diferente e significativo das coisas futuras”. O segundo novo nome é uma elipse por “restaurador de veredas que levam a lugares que são habitáveis”. “Quando há destruição e abandono, os caminhos se apagam. E se forem restaurados, significa que há ou haverá trânsito para eles, e que se volta a uma situação de vida”²⁰.

O profeta Amós também sonhou com outro mundo possível: “Que o direito corra como a água e a justiça como um rio caudaloso” (Am 5,24). E hoje continuamos alimentando o sonho e a esperança, pois como a água fecunda continuamente a terra, assim a prática da justiça há de fecundar uma nova sociedade.

Atitudes de Jesus em relação ao jejum

A atitude de Jesus em relação ao jejum é de certa indiferença, o que é bem diferente da atitude dos fariseus. Tanto que os fariseus se sentem incomodados com este jeito de Jesus. Sabiam que Jesus não impunha o jejum a seus discípulos e, por isso, perguntaram por que seus discípulos não jejuavam, enquanto que os discípulos dos fariseus e os de João Batista o faziam. Naquela ocasião, Jesus mostrou que o jejum não é próprio para tempos de alegria, comparando-se ao noivo e seus discípulos aos

16. RIDDERBOS, *Isaiás*, p. 475.

17. RIDDERBOS, *Isaiás*, p. 475.

18. RIDDERBOS, *Isaiás*, p. 476.

19. CROATTO, *Isaiás*, p. 85.

20. CROATTO, *Isaiás*, p. 108.

companheiros e amigos do noivo. Eles deveriam alegrar-se porque estavam com Ele. Aqui Jesus dá o sentido de luto para o jejum, porque seus discípulos deveriam jejuar depois de sua partida e não há nenhum sentido ascético para o jejum (cf. Mt 9,14-17; Mc 2,18-22; Lc 5,33-39).

Com esta atitude Jesus quer substituir a lei rígida seguida pelos fariseus e mostra que o que importa é a prática da justiça, da ternura e da misericórdia. O jejum aqui caracteriza a nova e alegre relação com Deus. Jesus mostra que a ação de Deus é salvar a pessoa concreta e no seu todo e não manter as estruturas que impedem a vida. A grande novidade está simbolizada pela roupa e barris velhos. Jesus não veio para reformar, Ele exige uma mudança radical, pois sabe que a pessoa habituada e acomodada às estruturas do velho sistema dificilmente se predispõe à mudança e jamais aceitará a novidade trazida por Ele.

A profecia diz que se o povo repartir o pão com o faminto, acolher na própria casa o desabrigado, vestir o nu e não se esconder do irmão e/ou da irmã, a sua luz romperá como a aurora.

No Novo Testamento, Jesus diz que Ele é a luz do mundo (Jo 8,12), não só de Israel. Com estas palavras Ele atinge diretamente os fariseus. De certa forma, seu discurso se torna agressivo. Os fariseus rebatem porque seu testemunho não é verdadeiro, não é aceitável, e sim, é uma autoglorificação. Definindo-se como a luz do mundo, Jesus faz uma interpretação incondicional e, portanto, exclusiva, daí ser ela agressiva. Com esta afirmativa, Jesus está dizendo que Deus é o único salvador (cf. Is 45,18-22)²¹.

A luz permite a visão da vida, da realidade de sofrimento, pobreza, miséria (cf. Jó 38,13-14), por isso é símbolo de conhecimento e sabedoria. Além disso, é também vida. Embora a expressão “Luz da vida” ou “Luz viva”, que não precisa ser alimentada periodicamente, não seja citada frequente nas escrituras (cf. Sl 56,14; 33,30), a ideia é comum, já que viver é ver a luz do dia e o parto é dar à luz. A luz se impõe por si só, não necessita de demonstrações, mas a pessoa pode fechar os olhos à luz. Seguir Jesus é caminhar atrás, deixando que Ele marque e ilumine o caminho. Corresponde ao hebraico “ir atrás de”, equivale à total adesão à pessoa.

O que o texto provoca?

A profecia de Isaías 58,1-12 traz a exigência e provocação de que se deixe de oprimir e se tenha misericórdia para com os miseráveis (v. 6-12). E então, encontra-se aí o chamado para uma melhor forma de adorar a Javé, com referência especial ao sábado (v. 13-14).

No v. 6 os quatro atos que definem ou buscam dar sentido ao jejum expressam uma mesma realidade social: a opressão como cadeia ou atadura e uma mesma ur-

21. FABRIS, R.; MAGGIONI, B. *Os Evangelhos* (II). São Paulo: Loyola, 3. ed. 1998, p. 365.

gência de libertação: desatar, desfazer, deixar, romper. São expressões que indicam todo tipo de situação opressiva. O jejum só tem sentido se vier acompanhado de uma prática social de libertação: desatar, soltar...²².

Aqueles que podem desatar as ataduras são os que ataram as pessoas e que, portanto, têm poder (Is 58,6). Por isso, a mensagem não se dirige a todos que jejuam, mas àqueles que têm privilégios de poder e escravizam os outros, seja por injustiça ou pelo uso de leis que os protegem. Jejuar para agradar a Javé libertador e ao mesmo tempo praticar a escravidão de pessoas é a incoerência que Javé não aceita.

O v. 7 expressa a exigência de se praticar misericórdia para com os que se encontram em situação de angústia. Na prática é um chamado de atenção a: repartir o pão com os famintos. Oferecer abrigo aos pobres desabrigados. Vestir os que estão vestidos inadequadamente. Não se afastar ou esconder-se do semelhante, isto é, de irmão e concidadão, mas, pelo contrário, oferecer-lhe ajuda e amparo²³. E no v. 10 aparece a exigência e provocação à misericórdia para com os famintos e oprimidos – isto é, as pessoas que passam necessidades e sofrem toda sorte de privações.

Nos v. 9b-12 a primeira exigência é novamente desfazer-se da opressão. Menciona-se “o dedo que ameaça” ou o “estender o dedo”. Este é um gesto que expressa violência e desprezo, provavelmente acontecido no contexto de brigas (v. 4), e o “falar injurioso”, provavelmente de maledicência.

Na vida cotidiana a elite ignora e exclui pobres, famintos, desabrigados, aqueles e aquelas que não têm condições de responder economicamente às exigências do Templo. Não apenas exclui, mas também persegue e mata as irmãs e irmãos.

O povo é vítima da voracidade e da indiferença tanto da elite corrupta de Judá, que o profeta compara a cachorros e maus pastores, quanto do império persa, comparado a uma fera selvagem. Juntos estão devorando os bens do povo em vista de seus próprios interesses (cf. Is 56,9-12)²⁴. Os famintos e miseráveis que estão presentes no mundo hoje são um grito de vida, uma denúncia de que a verdadeira eucaristia não está sendo celebrada. Há o perigo de termos práticas religiosas sem compromisso com a justiça, o direito e a solidariedade (cf. Os 6,6).

A palavra de Deus não retorna a Ele sem antes ter produzido efeito (Is 55,10-11). Apesar das tantas adversidades, as orientações e esperanças do povo, que estavam registradas em Isaías, não se perderam. O projeto “Luz das Nações” (Is 50–66), foi retomado por Jesus e seus seguidores e seguidoras.

Jesus assumiu este projeto diante de todos/as na sinagoga (Lc 4,17-19; cf. Is 61,1-9). A boa notícia de Jesus possui como denominador comum a libertação de qualquer espécie de opressão: física (os cegos); econômica (os pobres); política (os

22. CROATTO, *Isaías*, p. 97.

23. RIDDERBOS, *Isaías*, p. 475.

24. NAKANOSE et al., *Como ler o Terceiro Isaías* (56–66), p. 30.

cativos). Em meio aos conflitos de interpretação da lei (Mt 5,20-48), Jesus assumiu a proposta universal esboçada por aquelas pessoas esperançosas da época da restauração de Jerusalém.

A comunidade dos seguidores e seguidoras de Jesus buscou inspiração em Isaías. Paulo ao escrever aos romanos mostra como o projeto “Luz das Nações” se plenifica em Jesus (Rm 10,14-21 com Is 52,7; 65,1-2; Rm 11,26-27 com Is 59,20-21; 52,9; Rm 3,15-17 com Is 59,7-8).

Na pregação dos/as seguidores/as de Jesus e no testemunho da comunidade, a Palavra de Deus convocando o povo para o Projeto “Luz das Nações” voltou a produzir frutos. Pois, o próprio Deus diz: “Eu digo: meu projeto se cumprirá; eu realizarei tudo o que desejo” (Is 46,10)²⁵.

No caminho da fidelidade a Javé

Jejuar abstendo-se de alimentos significa praticar um ritual religioso com o qual a pessoa se coloca nas mãos e no coração de Deus numa atitude de humildade, dependência e de abandono total (Lv 16,29-31; Dn 9,3; Esd 8,21). É uma atitude sempre relacionada com Deus, com as pessoas e acompanhada de oração e da prática da justiça e da solidariedade.

A interpelação bíblica é para que o jejum sirva para voltar o coração para Deus, transformando a vida pessoal por meio da oração, da simplicidade e do cuidado com os pobres. É apelo à honestidade e cordialidade nas relações com as demais pessoas, com os bens públicos e com toda a criação²⁶.

A prática do jejum no caminho da fidelidade a Deus coloca o/a praticante em atitude de compaixão imediata para com os/as fragilizados/as da sociedade. Ajudar a reconstruir as relações de igualdade, contrariando os padrões sociais, revelando um Deus de infinita paciência e fidelidade, que deseja aproximar-se e abraçar a todos/as na particularidade de suas vidas²⁷.

O jejum bíblico tem por finalidade colocar a pessoa em atitude de total abertura e fidelidade à graça de Deus (2Cor 6,5; 11,27; Mt 9,14-17; Mc 2,18-22; Lc 5,33-39), em parceria, a serviço da vida onde ela se encontra ameaçada, da integridade da criação, da justiça e da paz (cf. Is 58,6-12) em oposição à sociedade de consumo, individualista e acomodada às inúmeras facilidades dos dias atuais.

Outra forma de resposta à palavra profética e de Jesus é a criação de relações de parceria solidária com os/as pobres, os/as desabrigados/as, os/as nus dos dias de

25. CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL, *A Leitura profética da história*, p. 185.

26. SPOTO, D. *Francisco de Assis: o santo relutante*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003, p. 153.

27. SPOTO, *Francisco de Assis*, p. 154.

hoje (cf. Is 58,6-7; Mt 10,8-10; 25,35-46). Embora Jesus tenha limitado sua missão à casa de Israel (Mt 15,24), compadeceu-se dos pagãos necessitados e proclamou uma mensagem universal.

A fidelidade ao Deus da vida se vive na inserção na realidade em resposta ao convite de Jesus para o compromisso, ação e mudança, a fim de transformar a sociedade em nova criação (Is 58,12). Por isso, a oração, meditação e contemplação são compromisso com a paz, a justiça e a integridade da criação. É convite a amar o universo com amor maternal, que gera no mundo o espírito e a convicção de que tudo pertence a uma única fraternidade universal, criada e amada por Deus.

Considerações finais

Dois fatores podem ajudar e contribuir na mudança e conversão: nova consciência eclesial e o contexto social. No contexto eclesial buscar uma teologia do Reino como libertação total e não somente espiritual, forjar um novo modelo de Igreja participativo e igualitário, atentar-se e estar presente nos meios populares, em bairros das periferias e marginalizados. No contexto social há processos de libertação integral das comunidades – a consciência de que a dignidade é inviolável e os direitos humanos devem ser respeitados por qualquer autoridade civil e/ou religiosa. A igualdade e a solidariedade são valores irrenunciáveis do progresso do ser humano.

Curar feridos consiste em curar o mundo da violência, da ganância, das disputas para que haja paz. É um ato de entrega e confiança em Deus, no Deus de amor e misericórdia. Um Deus que pede colaboração para curar o mundo de seus males. Males provocados de forma crescente pela injustiça social. Então, viver em paz significa recusar a vingança ou ferir os demais e a criação de qualquer forma, e a conformidade de todas as vidas com o espírito do evangelho, que significa uma ética de serviço devotado²⁸.

Numa caminhada de constante conversão, colocamo-nos a serviço do Reino para defender, promover e valorizar a vida onde ela se encontra ameaçada, agredida e violentada, assumindo a ótica e o lugar geográfico, social e cultural do empobrecido e excluído. Partilhar com ele do seu destino, do lento e penoso processo histórico de libertação. O pobre e oprimido não é somente um irmão, e sim, um irmão preferido.

Como valor do Reino e critério de sua pertença, assumimos a justiça, que pela mística e pelo método da não violência ativa, recria a fraternidade. Profeticamente denunciemos a violência que massacra a vida pelo medo, em todas as suas formas, o modelo econômico concentrador e perverso, que, ao mesmo tempo que desenvolve novas e altas tecnologias, domina a natureza, cria miséria, gera a morte e compromete a vida do planeta, e qualquer sistema político ou religioso centralizador, que oprime e reprime o pobre e frágil da sociedade, massifica e escraviza culturas, etnias e periferias.

28. SPOTO, *Francisco de Assis*, p. 153.

Cuidamos da ecologia buscando a harmonia da vida, o equilíbrio da natureza e a descoberta do sentido e da razão de ser de tudo o que existe e que nasce da irmandade universal, onde o luxo e o lixo aparecem como desperdício e agressão à natureza e violação da fraternidade e sororidade. Repudiamos a morte que é fruto da injustiça e violação da vida, mas acolhemos a Irmã Morte que está integrada no processo vital, como culminância da vida que se doa, e como renovação e transformação da própria vida.

Estamos ainda comprometidos e comprometidas em pessoas próximas, como o próprio Jesus o fez: “O que fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (Mt 25,40).

Jejuar é promover a paz e o bem. Aderir ao projeto de Deus no seguimento de Jesus Cristo pobre e encarnado na realidade.

Bibliografia

CENTRO BÍBLICO VERBO. *Sonhar de novo, segundo e terceiro Isaías (40–46)*. São Paulo: Paulus, 2004.

CONTI, M. *Leitura bíblica da regra franciscana*. Petrópolis: Vozes, 1983.

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL. *A Leitura profética da história*. São Paulo: Loyola, 1992 (Coleção tua palavra é vida, 3).

CROATTO, J.S. *Isaías: a palavra profética e sua releitura hermenêutica*. Petrópolis: Vozes, 2002, v. 3.

FABRIS, R.; MAGGIONI, B. *Os Evangelhos (II)*. 3. ed., São Paulo: Loyola, 1998.

GASS, I.B. *Época da dominação persa*. São Leopoldo: CEBI, 2002, Módulo 7, Fascículo 1.

NAKANOSE, S.; PEDRO, E.P.; TOSELI, C. *Como ler o Terceiro Isaías (56–66)*. São Paulo: Paulus, 2004.

RIDDERBOS, J. *Isaías: introdução e comentário*. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições de Vida, 1990.

SPOTO, D. *Francisco de Assis: o santo relutante*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

Cleide Lazarin
Rua Lodovico Geronazzo, 877
Bairro Boa Vista
82560-040 Curitiba, PR
cleidecf@bol.com.br